



APRESENTAÇÃO

Os editores

Embalados pela esperança e alegria apresentamos às leitoras e aos leitores mais um número de *Perspectiva Teológica*, profundamente marcado pela celebração dos 1700 anos do Concílio de Niceia (325–2025). Longe de ser apenas uma data comemorativa, esta memória oferece à reflexão teológica contemporânea a oportunidade de revisitar um evento fundante, cuja recepção atravessou séculos, moldou identidades e continua a desafiar a inteligência da fé. O editorial que abre este volume, “Voltar a Niceia 1700 anos depois”, de Geraldo Luiz De Mori e André Bressane, situa com lucidez esse retorno às origens: não como arqueologia doutrinal, mas como um exercício hermenêutico que articula *lex orandi e lex credendi*, dogma e *sensus fidei*, cristologia e soteriologia, teologia e política, convidando a uma intensificação da leitura do evento Jesus Cristo no horizonte plural do século XXI. Este número, portanto, convida a uma verdadeira peregrinação intelectual e espiritual: de Niceia aos desafios atuais da cristologia, da ontologia relacional à pastoral da vida, da hermenêutica do infinito ao diálogo judaico-cristão. Acreditamos que os estudos aqui reunidos continuarão a fomentar debate, aprofundar a pesquisa teológica das comunidades acadêmicas.

O **dossiê** compõe-se de cinco artigos. Assim, Piero Coda, no artigo **Rivelazione e ontologia: che cosa ha da dirci oggi l’omooúsios di Nicea?**, afirma que o termo “homooúsios” oferece uma definição com profundo significado ontológico. Segundo a análise de Atanásio e Pavel Florenskij, este conceito não seria apenas histórico, mas oferece uma valiosa ressemantização da ontologia. Ele se apresenta como um recurso precioso para o pensamento atual, reconfigurando o sentido do ser a partir do evento cristológico.

O artigo de Giulio Maspero, **A inventio de uma ontologia trinitária em Niceia e nos primeiros concílios ecumênicos**, nos apresenta a ideia de como os Padres da Igreja, a partir do Concílio de Niceia, desenvolveram

uma ontologia trinitária baseada na Revelação. Essa nova compreensão superou as aporias da metafísica clássica ao rejeitar a visão de Ário e introduzir um novo princípio de individuação baseado na relação. O resultado foi uma ontologia adverbial e preposicional, fundamentalmente relacional.

André Bressane, no artigo **Retracing the Theological Logic of The Way to Nicea: Lonergan's Interpretation of Early Trinitarian Controversies and its Contemporary Relevance**, afirma que a obra "The Way to Nicea", de Bernard Lonergan, analisa a definição do **homooúsios** no Concílio de Niceia como uma transição crucial da consciência simbólica para a especulativa. Esse desenvolvimento dogmático é apresentado como um processo dinâmico, guiado pelas operações da consciência intencional (experienciar, compreender, julgar e decidir) e que exige a autoapropriação crítica do sujeito. Dessa forma, longe de ser um ponto final, Niceia inaugura uma busca inacabada e contínua por compreensão, impulsionada pelo amor.

O artigo **Niceia, 1700 anos depois, helenização ou "constantinização" da fé?**, escrito por Matheus da Silva Bernardes, assinala que o Concílio de Niceia (325) marcou a transição de uma teologia narrativa para uma especulação sobre a natureza das Pessoas divinas, um processo visto como "helenização" da fé. No entanto, autores argumentam que o credo niceno, na verdade, representou uma "des-helenização" ao rejeitar doutrinas como o arianismo. O texto defende essa visão, mas aponta que um processo mais profundo foi a "constantinização" da fé, ou seja, sua influência e integração pelo poder imperial.

Por fim, Maria Clara L. Bingemer, com o artigo **Geração e salvação: lições de Niceia**, nos propõe uma reflexão sobre o Credo niceno, focando especificamente no ponto da **geração eterna do Filho**. O objetivo é analisar de que modo essa afirmação de fé fundamental ainda repercute e tem um impacto significativo na sociedade e na Igreja.

Temos ainda sete **artigos gerais**. Francisco de Aquino Júnior, com o artigo **"Fora dos pobres não há salvação": Jon Sobrino e a relação entre salvação e pobres**, afirma que embora Jon Sobrino não tenha desenvolvido uma soteriologia sistemática, sua obra possui uma forte dimensão soteriológica centrada na libertação dos pobres. Seu principal aporte seria a relação intrínseca entre salvação e os pobres, resumida no axioma impactante "fora dos pobres não há salvação".

O artigo **Deus, o cosmos e o ser humano: um estudo sobre o Salmo 8**, de Eduardo Rueda Neto e Gilvan Leite de Araújo, nos propõe uma reflexão segundo a qual o Salmo 8 destaca a majestade de Deus e a dignidade conferida ao ser humano, colocando-o como mordomo

da criação, com responsabilidade moral e ecológica. A análise conclui que a harmonia plena entre Deus, o mundo e a humanidade seria um fato escatológico e que a realização completa do projeto da criação se concretiza em Cristo.

Elias Fernandes Pinto, com o artigo **O primado da graça no processo de humanização integral: uma reflexão a partir de J. L. Segundo**, analisa a teologia da Graça em J. L. Segundo, criticando a inversão ocidental que priorizou a “graça criada” em detrimento da “graça incriada”. A proposta de J. L. Segundo compreende a Graça como a presença do Espírito que estrutura a liberdade humana, tornando-a capaz de amar e colaborar no projeto divino. Esta visão relacional e dinâmica supera concepções juridicistas, com profundas implicações para a antropologia teológica e a vivência cristã.

O artigo de Jonathan Andrés Rúa Penagos e Waldecir Gonzaga, **El concepto de vida a partir de Juan 10,10b y sus implicaciones en la experiencia de jóvenes investigadores**, indica que a compreensão do conceito de “vida” em João 10,10b oferece elementos para abordar as dificuldades existenciais de jovens investigadores. O estudo propõe uma abordagem hermenêutica que ilumina seus desafios a partir do Evangelho, promovendo um desenvolvimento integral que vai além da formação técnica.

Cleverton Duarte Epormucena, com o artigo **O impacto do Concílio de Jâmnia (75-80 E.C.) na relação entre judaísmo rabínico e “cristianismo” primitivo, com enfoque na Birkat ha-Minim e no conceito de Minin**, afirma que o Concílio de Jâmnia é frequentemente associado à “Bênção sobre os hereges” (Birkat ha-Minim), vista como um mecanismo para excluir cristãos das sinagogas. No entanto, pesquisas recentes contestam isso, argumentando que o termo “minim” era mais amplo e que a separação entre judaísmo e cristianismo foi um processo complexo e gradual. Então, a ideia de uma expulsão formal e universal dos cristãos decretada em Jâmnia carece de fundamentação histórica sólida.

O artigo **A hermenêutica e o limite da interpretação: o horizonte necessário do infinito na tradição judaico-cristã**, de René Dentz, investiga os limites da hermenêutica teológica ao confrontá-la com a noção de infinito da tradição judaico-cristã. Argumenta que a interpretação teológica não pode se restringir à busca de sentido, mas deve abrir-se para escutar o que excede, silencia e interpela o saber.

Por fim, o artigo de Isidro Pereira Lamelas, **Epéktasis: movimento e progresso humano em Gregório de Nissa**, evidencia a relevância de Gregório de Nissa para uma antropologia dinâmica, fundamentada nas categorias de movimento (*kínesis*), *diástema* e *epéktasis*. Ao revisitar a gênese dessa visão, o autor destaca a originalidade de uma concepção do ser

humano em contínuo desenvolvimento e abertura ao transcendente. Essa perspectiva antropológica cinética mostra-se profundamente fecunda para o diálogo com outros campos do saber.

Agradecemos a todas e a todos que tornaram possível esta edição e desejamos que a leitura deste número renove, em cada leitora e em cada leitor, a esperança e a alegria proclamadas em Niceia, que atravessaram os séculos e ainda hoje ecoam.

Boa leitura!